

PESQUISA E INFÂNCIA: EM BUSCA DE UMA ÉTICA COMPARTILHADA**RESEARCH AND CHILDHOOD: IN SEARCH OF A SHARED ETHICS****Caroline Trapp de Queiroz¹**
Fernanda de Azevedo Milanez²

Resumo: Esse artigo tem por objetivo abordar a questão da ética na pesquisa com crianças a partir dos percursos experienciados no interior de uma pesquisa desenvolvida coletivamente pelo Grupo de Pesquisa Infância e Cultura Contemporânea. Essa pesquisa, realizada com setenta e quatro crianças em nove contextos diferentes (tais como escola, rua e redes sociais) e fundamentada nos pressupostos de uma pesquisa-intervenção, cuja metodologia se construiu com base em princípios dialógicos, intentou conhecer que experiências vivem as crianças hoje. Tendo o conceito de cronotopo, do filósofo da linguagem russo Bakhtin, que propõe indissociação entre as dimensões de tempo e espaço, como fio que entrelaça as reflexões propostas, destaca-se como resultados da análise quatro eixos principais, que estão postos no fazer específico da pesquisa em ciências humanas, são eles: a “expectativa pelo encontro”, a “ética de pesquisa compartilhada”, a “ética da voz” e a “ética do retorno”.

Palavras-chave: Pesquisa com crianças. Cronotopo. Ética.

Abstract: This article aims to address the issue of ethics in research with children from the paths experienced within a research developed collectively by the Research Group Childhood and Contemporary Culture. This research, carried out with

¹ Doutora e mestra em Educação (UERJ). Especialista em Dificuldades de Aprendizagem (UERJ). Professora de Ensino Fundamental na rede pública (SME-RJ). Professora de História do Brasil no Pré-Vestibular (SINTUPERJ). Tutora no curso de Graduação em Pedagogia da UERJ (CECERJ/CEDERJ). São temas de interesse as relações entre infância, cultura e política, as questões que marcam a singularidade da pesquisa com crianças e as especificidades da construção da consciência histórica.

² Doutoranda e Mestre pelo curso de Pós Graduação em Educação da UERJ - PROPED - na linha Infância, Juventude e Educação e integrante no grupo de pesquisa GPICC - Grupo de Pesquisa Infância e Cultura Contemporânea - coordenado pela Prof^a Dr^a Rita Marisa Ribes Pereira. A pesquisa de tese aborda a temática do refúgio, especificamente a infância e crianças em situações de deslocamento forçado. Graduação em Pedagogia pela Universidade Cândido Mendes. Especialização em Gestão de EaD pela UFF/RJ. Experiência nas áreas de Comunicação e Educação. Radialista atuando em Radiodifusão comunitária de 1999 até 2015, com programas radiofônicos para e com crianças, campo da pesquisa de mestrado. Atuou como educadora na Educação Infantil durante 17 anos em escolas do Rio de Janeiro e em Nova Friburgo e mantém atuação em desenvolvimento comunitário ligado a projetos sociais com crianças e adolescentes. Principais temas de interesse: infâncias - pesquisa com crianças - culturas - Crianças refugiadas - refugiados. Bolsista pela FAPERJ.

seventy-four children in nine different contexts (such as school, street and social networks) and based on the presuppositions of an intervention research, whose methodology was built on dialogic principles, sought to know what experiences children live. today. Having the concept of chronotope, by the Russian philosopher Bakhtin, who proposes the indissociation between the dimensions of time and space, as a thread that intertwines the proposed reflections, four main axes stand out as a result of the analysis, which are placed in the specific doing of the research in the humanities, they are: the “expectation of the encounter”, the “ethics of shared research”, the “ethics of voice” and the “ethics of return”.

Keywords: Research with children. Chronotope. Ethics.

Recebido em: 31/03/2022

Aceito para publicação em: 25/04/2022

1 DAS IDEIAS INICIAIS

Esse artigo aborda a questão da ética na pesquisa com as crianças a partir dos percursos vividos no interior de uma pesquisa coletiva desenvolvida pelo GPICC-Grupo de Pesquisa Infância e Cultura Contemporânea. Nascida em 2012 sob o título “Infância e cultura: experiência e criação na contemporaneidade”, este projeto enfocou as experiências infantis contemporâneas, partindo da necessidade de conhecer os contextos socioculturais das crianças que, hoje, compõem a categoria da infância e destacando a potencialidade de seus processos de criação. Nas discussões do grupo, compartilhamos o relato sobre cada um dos encontros, fizemos a transcrição das audiografações, com descrições do contexto e das situações vividas por quem esteve especificamente em cada lócus, partilhando as descobertas e os percalços das relações que íamos tecendo com as crianças enquanto pesquisadores.

A continuidade dessas reflexões fez nascer o projeto “A infância e seus cronotopos: educação e pesquisa”, focado justamente no estudo sobre os tempos e os espaços em que se constituem as experiências infantis contemporâneas, considerando essas dimensões como balizadores de um acontecimento único, fruto do encontro daqueles que dividem um mesmo contexto. É no interior desse projeto de pesquisa, concluído em 2018, que elaboramos, portanto, um pensar sobre a ética que considere os cronotopos como delineadores das decisões de pesquisa. Esse conceito, do filósofo da linguagem russo Mikhail Bakhtin, compreende equilíbrio e indissociação entre as dimensões do espaço e do tempo. Apesar de tê-lo desenvolvido como categoria literária que funde os índices espaço-temporais de modo concreto, o desafio de pensar essa categoria para as ciências humanas tem nos movido em direção a reflexões quanto à ética que se apresenta cadenciada por essas singularidades.

Algumas dessas cadências dizem respeito à reflexão sobre os presumidos que tínhamos, nós pesquisadores, em relação ao campo de pesquisa antes mesmo de chegarmos a ele; à percepção da existência de uma ética da “expectativa pelo encontro”, constituída pela consideração do outro nas decisões metodológicas num

momento em que ele ainda não está fisicamente presente na pesquisa; à compreensão de que as negociações referentes à participação das crianças nos deslocavam para uma “ética de pesquisa compartilhada” com os sujeitos nela envolvidos; ao reconhecimento sobre como certas dinâmicas colocaram em cheque as atividades que havíamos selecionado para os encontros, o demarca aqui uma “ética da voz”; à necessidade de pensar formas de comunicar, aos interlocutores da pesquisa, ou seja, às próprias crianças, aos achados do processo que vivemos com elas, o que delimita uma “ética do retorno” marcada pelas reflexões sobre possíveis devolutivas.

Todas estas, portanto, questões que nascem a partir da diversidade que pudemos experimentar durante os percursos da pesquisa coletiva em relação a questões éticas, envolvendo e balizando modos de compreender a infância e olhares sobre a pesquisa com crianças.

2 DOS CONCEITOS MOBILIZADOS

Ética: palavra cuja origem grega remete à *ethiké*, *scilicet epistème*, ou seja, a ciência relativa aos costumes. De acordo com Vásquez (2017), a ética teria surgido com Sócrates a partir da investigação das normas morais, de modo que se apresenta como campo teórico e reflexivo, diferente da Moral, que se situaria no campo eminentemente prático. Embora o autor aponte essa distinção, ele explicita que ambas, ética e moral, se entrelaçam na medida em que, na ação humana, pensar e agir não se dissociam.

Partindo da compreensão de entrelaçamento dessas dimensões, é necessário dizer que enfocamos, nesse texto, a questão da ética sob o entendimento de que ela baliza “um conjunto de valores que orientam o comportamento do homem em relação aos outros homens na sociedade em que vive” (MOTTA, 1984). Nesta perspectiva, delimita-se um dado tempo e uma comunidade específica, os quais determinam valores que são, portanto, sempre relativos e singulares. Levy (2004) supõe que, nesta medida, o ético e o histórico se constituem mutuamente.

É nesse sentido que Pereira (2015, p. 54) destaca essa como sendo uma temática instituinte da vida social, pois é na relação com o outro que se funda uma ética e é justamente na relação dos sujeitos com as normas éticas fundadas que reside a potencialidade dessa reflexão. Para Borheim (apud PEREIRA, 2015, p. 55),

[...] a ética – tecida na relação entre o autor e a norma – deve inaugurar-se com a indagação “Que devo fazer?”, pois essa indagação implica simultaneamente o posicionamento ativo do sujeito e o reconhecimento da dimensão social da sua ação, sem os quais a própria ideia de ética se torna esgarçada.

No mundo das pesquisas acadêmicas, enfatiza Pereira (2015), essa pergunta vem sendo substituída pela que indaga “o que posso fazer?”, uma pergunta de cunho mais protocolar que parece delimitar as ações diante dos sujeitos com quem dialogamos como interlocutores e, dessa forma, garantir que, enquanto pesquisadores, não tenhamos de responder, e nos responsabilizar, pelos imponderáveis que, na dinâmica da vida e da pesquisa, sempre estão postos. Assim, essas normativas “acabam se sobrepondo aos sujeitos – pesquisadores e pesquisados – de modo a expropriá-los do lugar social que poderiam ocupar na construção de uma ética de pesquisa e na responsabilidade pela ciência que produzem” (PEREIRA, 2015, p. 55).

Buscando, portanto, nos inserir no debate sobre que ética de pesquisa vamos construindo com nossos interlocutores durante esses processos, considerando suas singularidades como sujeitos crianças que são, e as nossas mesmas, como pesquisadores e adultos; e respondendo por nossa responsabilidade acerca da ciência que produzimos, tendo em vista os lugares sociais de onde falamos, pretendemos trazer, nesse texto, um pensar sobre a ética que considere os cronotopos, ou seja, o entrelaçamento de tempo, espaço e experiência, como delineadores do que acontece na pesquisa.

O conceito de cronotopo, cunhado pelo filósofo da linguagem russo Mikhail Bakhtin (2018), compreende equilíbrio e indissociação entre as dimensões do espaço e do tempo, que juntas formam uma unidade que se constitui pela experiência vivida em um determinado contexto por sujeitos que se relacionam entre si. Apesar de tê-lo desenvolvido como categoria literária que funde os índices

espaçotemporais de modo concreto, o desafio de pensar essa categoria para as ciências humanas tem nos movido em direção a reflexões quanto à ética que vai se delineando cadenciada por essas especificidades.

Apresentamos, nesse texto, algumas dessas cadências, organizadas em quatro eixos que destacamos como principais na mobilização de nossa discussão. O primeiro deles consiste na reflexão sobre os presumidos que tínhamos, nós pesquisadores, em relação ao campo de pesquisa antes mesmo de chegarmos a ele. Essa reflexão foi descortinando, para nós mesmos, a existência de uma ética que percebemos balizada por uma “expectativa pelo encontro”, constituída na consideração do outro no contexto das decisões metodológicas, isso num momento em que ele ainda não está fisicamente presente na pesquisa.

O segundo eixo traz a compreensão de que as negociações referentes à participação das crianças nos deslocam para uma “ética de pesquisa compartilhada” com os sujeitos nela envolvidos, sujeitos com quem construímos uma relação de pesquisa. Nesse sentido, passamos a conhecer e reconhecer de que forma certas dinâmicas colocaram em xeque as atividades que havíamos selecionado previamente para os encontros e nos convocaram a repensar os modos de fazer pesquisa, considerando, de fato, a criação de uma trajetória decidida e trilhada junto com as crianças, nossas interlocutoras, nos momentos em que os encontros se tornaram realidade.

O terceiro eixo enfoca o momento da escrita do texto, parte fundamental da atividade da pesquisa, já que é através de sua produção e circulação que se criam discursos, se discutem ideias e se prestam contas às ciências. Compreendemos esse como outro acontecimento específico da pesquisa que traz implicações éticas próprias, o que aqui chamamos de “ética da voz”, que torna visíveis as relações estabelecidas com os interlocutores a partir da construção narrativa que nos cobra responsabilidade, nesse momento, também enquanto autores do texto.

O quarto e último eixo articulador de nossas considerações nesse texto diz respeito à necessidade de pensar formas de comunicar aos interlocutores da pesquisa, ou seja, às próprias crianças, os achados dos processos que vivemos com

elas, o que delimita uma “ética do retorno”, marcada pelas reflexões sobre possíveis reencontros, diálogos e devolutivas.

É importante destacar que, embora tenhamos criado essa divisão, pensando na exposição das questões aqui levantadas, cada um desses eixos vai se intercalando aos outros, de maneira que não há como determinar precisamente o início de um processo e o término do outro. Cada um desses eixos compõe a complexidade de uma mesma dinâmica que não estabelece fronteiras entre pensamento e ação, situando-se no interior das reflexões sobre ética.

3 DA CONSTRUÇÃO DE UMA ÉTICA DE PESQUISA

O primeiro centro articulador de nossas reflexões traz um pensar sobre o exercício de preparação da pesquisa num momento em que nossos interlocutores são apenas uma idealização nossa, uma imagem criada pela imaginação e que precede o encontro e seu espaçotempo. Compreender essa como uma ética balizada pela “expectativa do encontro” significa considerar o pré como parte essencial da pesquisa e do encontro em si. Significa dizer que, no exercício de pensar e preparar o campo, implicações éticas iniciais já estão ali colocadas, presentes nas negociações que convocam decisões e descortinam concepções e posturas sobre a pesquisa, o tema, as questões levantadas e principalmente os interlocutores, no nosso caso, as crianças – enquanto categoria social, mas também enquanto sujeitos singulares.

Justamente esse pensar sobre o que ainda não existe e sobre o *outro* que ainda não chegou ao encontro da pesquisa, foi constituído, em nosso exercício, pela ideia de *afetamento*, que mobiliza e inquieta. Na tentativa de buscar modos de afetar nossos interlocutores, elaboramos seis perguntas norteadoras, seguindo na linha de uma pesquisa-intervenção, que pressupõe experiências transformadoras de forma mútua ao longo de todo o processo. São elas: 1) O que significa ser amigo? 2) O que você faz todos os dias? O que você nunca faz e gostaria de fazer? 3) Onde você gostaria de estar agora? 4) O que você acha que nunca vai esquecer? 5) O

que você não viveria sem? e 6) Que perguntas você acha que deveríamos fazer para as crianças?

Como estratégia metodológica, desenvolvemos atividades para cada uma das perguntas, na tentativa de propiciar imersão naquilo que seria perguntado, desencadeando os diálogos. O processo de criação das perguntas e das atividades a elas relacionadas nos mobilizou a um pensar que buscava considerar as especificidades de cada grupo de crianças com os quais nos encontraríamos. Ter em consideração crianças que sequer haviam aceitado participar da pesquisa ainda, escolher uma pergunta e não outra, uma atividade e não outra, optar por levar determinado material para o campo ou, do contrário, considerar não levá-lo pensando nos modos como os sujeitos da pesquisa seriam afetados foi estabelecendo a tessitura de um fio ético que tramamos ao longo de todo o processo e que agora repensamos no lugar de uma teoria sobre a pesquisa com crianças.

Ainda sobre as atividades criadas, para a primeira pergunta, decidimos propor que duas ou mais crianças vestissem um mesmo casaco e explorassem que movimentos, danças e brincadeiras eram possíveis fazer na companhia do outro. A segunda pergunta teve como atividade a criação de uma agenda, em que as crianças materializariam aquilo que seria sua vivência cotidiana, e também seu desejo, diante daquilo que, nas suas experiências diárias, não é vivido com frequência. Para a terceira pergunta, planejamos uma ambientação, em que montaríamos uma barraca e escureceríamos o local em que estivéssemos. A quarta pergunta teve como atividade proposta o trabalho com massa de modelar, em que as crianças representariam o que nunca esquecerão. A quinta pergunta foi articulada à ideia de uma mala mágica, que levaríamos ao encontro e na qual diríamos caber qualquer coisa que as crianças imaginassem e sem as quais não viveriam. A sexta pergunta não teve atividade, mas sim uma retomada de toda a nossa trajetória de pesquisa até ali, abrindo espaço para o que não tivesse sido pensado ou perguntado por nós.

A sustentação teórico-metodológica para a criação e realização dos modos como os encontros se dariam foi produzida em diálogo com a filosofia da linguagem de Mikhail Bakhtin (2011). Embora esse autor não apresente, necessariamente, uma

sistematização sobre a feitura da pesquisa empírica, ele traz uma perspectiva de mundo, de ciência e do outro que nos gerou reflexões quanto à ética da produção do conhecimento à qual nos lançamos. Assim, os conceitos bakhtinianos de alteridade e dialogismo (BAKHTIN, 2011) foram fundamentais para a elaboração das atividades propostas, ou seja, para o processo de criação das estratégias metodológicas no momento que precedeu os encontros.

Tais conceitos nos provocaram a pensar o momento do encontro como um processo dinâmico de interlocução e produção de sentidos que implicam diferentes modos de ser e estar no mundo. A alteridade foi por nós mobilizada a partir das reflexões sobre que atividades e perguntas faziam sentido de dirigir às crianças. O dialogismo é instado justamente porque esse deslocar-se ao lugar do outro procurando perceber que linguagens lhes afetam é estabelecer uma relação dialógica de aproximação.

No total, 74 crianças com idades entre quatro e doze anos participaram da pesquisa, sendo 40 meninos e 34 meninas. Foram nove os diferentes contextos nos quais nos encontramos com elas: quatro grupos de crianças se circunscriviam à escola, uma pública, uma particular, uma instituição público-privada que já funcionou como abrigo para crianças desassistidas, as três na cidade do Rio de Janeiro (RJ), e uma escola particular bilíngue, localizada na cidade de Niterói (RJ); um grupo de crianças vizinhas que brincava numa rua sem saída, também no Rio de Janeiro; um grupo de crianças do campo,³ residentes na cidade de Nova Friburgo (RJ); e três grupos formados por crianças que têm perfil na rede social *Facebook*. Um dos principais critérios utilizados para chegar a estes grupos e contextos foi o de conversar com crianças fizessem parte do convívio dos pesquisadores ou que já se conhecessem entre si, pensando na fluidez do diálogo e na interação que se pretendia alcançar.

³ Atualmente usa-se o termo *campo* em substituição ao *rural*, uma vez que o próprio termo *rural* tem a mesma raiz de rústico e rude, enquanto o termo *cidade* dá origem a cidadão e cidadania. O objetivo é romper com a ideia de que a cidade se consolida como referência da modernização e do progresso, enquanto o campo representa o antigo e o rústico. Para saber mais sobre essa questão: BRASIL. Governo do Estado do Paraná. Diretrizes Curriculares da Educação do Campo. Curitiba, 2006. Disponível em: <http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/diretrizes/diretriz_edcampo.pdf>. Acesso em: 17 dez. 2021.

A ideia da “expectativa do encontro” contém, em si, um paradoxo, pois ao mesmo tempo em que agimos no sentido de preparar o campo, pensando uma metodologia cujo acontecimento e realização são imprevisíveis, também devemos ter claro que, diante da chegada do outro, enquanto sujeito, à pesquisa, nossa postura deve ser de abertura, de desapego ao que foi planejado, para que outros caminhos sejam possíveis de se delinear – isso numa concepção de pesquisa que compreende a construção *com*.

Um exemplo claro se trata da apresentação da pesquisa aos interlocutores. Nas reuniões do Grupo de Pesquisa, combinamos que seria importante apresentar para as crianças o que era uma pesquisa e como estávamos pensando essa nossa, em específico. Assim, se o discurso, a metodologia, os objetivos e as questões eram as mesmas para todos nós, pesquisadores, nos encontros, a partir das relações estabelecidas com os interlocutores, os modos de dizer, fazer, propor e pensar a pesquisa variaram, respeitando as singularidades dos sujeitos – nós inclusos –, dos contextos e das experiências vividas nos diferentes campos em que a pesquisa se desenvolveu.

No movimento marcado pela “expectativa do encontro”, a ética dos pesquisadores já vai sendo delineada, pois o outro, interlocutor, já está presente, não em si, mas em nós, que lhe temos em mente. Ao mesmo tempo em que escolhemos estratégias e recursos metodológicos, passamos a ter claro que a ida ao campo inaugura um acontecimento único, ou seja, preparamos uma situação para a qual é impossível se preparar ou preparar qualquer outra coisa que não as coisas em si. O que essas coisas despertam, as conversas, os usos, as resistências, as subversões, somente o encontro permite conhecer, ver e viver em plenitude.

A partir do momento em que o encontro inaugura o campo da pesquisa, o primeiro eixo que organizamos para a exposição deste texto, o da ética balizada pela “expectativa do encontro”, começa a se confundir e até mesmo a se tornar o segundo, o de uma “ética de pesquisa compartilhada”. Isso porque deve-se levar em consideração que os espaços trazem consigo tempos específicos, construídos num entrelaçamento que pressupõe também a presença dos sujeitos que ali transformam as experiências vividas. Estamos dizendo, portanto, que a “expectativa do encontro”,

ao passar do plano da idealização para o do acontecimento, tem redesenhadas suas estratégias no momento mesmo em que os sujeitos se encontram. É a partir dessa percepção que encaramos as singularidades de cada *lócus*.

Nesse sentido, falar sobre uma “ética de pesquisa compartilhada” é, portanto, dar continuidade à reflexão traçada quanto à “expectativa do encontro”, pois diz respeito à postura tomada diante do outro que chega à pesquisa, chega ao campo previamente preparado pelo pesquisador e vai dando a ele tons de singularidade cuja antecipação imaginativa, típica do momento que precede o encontro, não dá conta de prever.

Um caso em que esse movimento de abrir mão do planejado, que envolve já uma ética de antecipação, em detrimento de uma ética que será compartilhada com o outro, se fez evidente foi na ambientação da pergunta “onde você gostaria de estar agora?” – pensada por nós com o intuito de saber que espaços faziam parte do rol de desejos de estar dessas crianças. Junto dessa pergunta, elaboramos uma atividade para potencializar as reflexões que, como já apontamos, consistia em montar uma barraca, escurecer o ambiente em que estávamos e puxar o assunto dos espaços fazendo a pergunta.

Como cada *lócus* de pesquisa possibilitava uma realidade singular, conforme já destacamos, em alguns contextos, a barraca foi feita com um lençol, em outros, fez-se uma roda com cadeiras e, em outros, a barraca consistiu em sentar embaixo de uma árvore de copa mais baixa. Assim, cada lugar fez com que operacionalizássemos as atividades de diferentes formas, a fim de realizar a pesquisa. Reiterando que esse lugar é compreendido aqui no entrelaçamento com o tempo e os sujeitos que lhe constroem, vivem e significam.

A atividade da pergunta “o que você não viveria sem?”, que consistia em levar ao campo de pesquisa uma mala mágica e contar uma história sobre a capacidade que ela tinha de guardar tudo o que fosse significativo, desde momentos e sentimentos, até coisas e outras pessoas, também exigiu de nós, pesquisadores, recálculos de rota. Se a ideia inicial era levar uma mala de verdade, na prática, em alguns contextos, a mochila fez vezes de mala, em outros, um desenho de mala foi usado para representá-la. Essas reestruturações não matam a pesquisa, mas

possibilitam compreender que a chegada ao campo implica condições cuja previsibilidade, no momento que antecede o encontro, não dá conta. É por isso que uma ideia pensada previamente quase sempre sofre remanejamentos no decorrer dos processos.

Portanto, essa antecipação sobre algo que ainda não existe e que só se faz conhecer no encontro – embora tenha de ser pensada pelo pesquisador exatamente na sua condição de não-existência –, assim que é organizada, deve estar pronta a ser flexibilizada, quando pesquisador e interlocutores iniciam seu diálogo. Essa flexibilização não se trata de ser negligente com as decisões postuladas anteriormente, mas sim de se desprender de um modelo engessado de ciência que reconhece, nos protocolos, a autoria e o posicionamento ético do pesquisador.

Claro que abrir mão do planejado não é um movimento simples, mas é exatamente por isso que se torna, além de um ato de empatia, também um posicionamento ético, porque o pesquisador permite a chegada do outro em sua inteireza à relação específica da pesquisa. O afetar-se está justamente no ato de rasgar-se de sua lógica pré-estabelecida, abrindo mão das perguntas em função do diálogo, e do plano em função do acontecimento. O desafio que se apresenta ao pesquisador aqui é o de deixar o outro ser o sujeito da pesquisa nesse que é, justamente, o momento em que ele se torna a razão do encontro que ali acontece.

É justamente no acontecimento da pesquisa, no encontro, que o outro chega, subverte, significa, provoca, inquieta, questiona, constrói, é. Com o pesquisador, o outro chama o campo à existência e o retira do plano da idealização. A realidade do diálogo instaura o início da pesquisa como experiência, como tensão, como vida. Ali, onde o espaço e o tempo, somados ao acontecimento, instituem contexto, cronotopo (BAKHTIN, 2018), é que se transcende o projeto e nasce a pesquisa. É nesse sentido que falamos sobre uma “ética de pesquisa compartilhada” com os sujeitos nela envolvidos, considerando as tensões e negociações existentes na relação entre pesquisadores e interlocutores, todos sujeitos nesse mesmo encontro.

Na pesquisa coletiva, muitas foram as negociações que constituíram a partilha da ética com que lidamos, no campo, uns com os outros, pesquisadores e interlocutores. Embora quase nunca seja possível nos dar conta dessa partilha no

ato do encontro – já que ética não se pretende ou se finge, mas se delinea a partir dos modos como eu, do lugar de pesquisador, enxergo o outro, a pesquisa e a ciência –, foi no trabalho da escrita do texto que essa singularidade se revelou, instaurando-se o que estamos chamando de a “ética da voz”. Podemos observar o entrelaçamento da “ética compartilhada com o outro” à “ética da voz” a partir do relato registrado nas anotações de campo de uma das pesquisadoras,

Eles começam a andar pela sala e aos poucos vão se soltando. Estamos no laboratório de ciências da escola e o espaço tem algumas vitrines, mesas de trabalhos, cadeiras e degraus, enfim... O espaço apresenta uma série de desafios e inicialmente os meninos querem tentar se esgueirar pelo espaço entre as vitrines. As meninas também começam a andar pela sala, elas também vão para o espaço entre as vitrines, os 4 tentam passar para o outro lado da sala mas o espaço é estreito. [...] As meninas conversam e chegam a conclusão que podem passar pelos meninos se virarem de lado. Os grupos se esbarram e ficam rindo (REGISTRO DA PESQUISADORA, 2014).

O relato dá conta das subversões das crianças ao brincarem, no contexto de uma escola particular, por entre as vitrines do laboratório de ciências. Essa atividade, referente à pergunta “o que significa ser amigo?”, consistia em vestir um casaco junto com um amigo, assumindo o desafio que é estar junto de alguém diferente de nós, mas com quem nos identificamos de alguma maneira. As negociações nesse contexto começaram antes que a brincadeira acontecesse, já que as crianças questionaram a viabilidade de caber mais de uma pessoa no casaco. Ao assumir a proposta de colocar os amigos dentro do casaco, as crianças decidiram que iam andar pelo laboratório. Quando a atividade acaba, dando lugar ao momento da pergunta, as crianças, de acordo com o relato dos pesquisadores, fazem uma cara chateada por que querem continuar com as duplas,

Pesquisadora: Vocês podem sentar de paletó ou vocês podem tirar.

João (11): Eu quero fazer o desafio!

Todos resolvem tentar. Eles começam a tentar sentar usando os paletós e ficam rindo. Sara (10) e Julia (11) quase caem no chão. Descobrem que é melhor tentar sentar nas cadeiras sem braço, que fica mais fácil. André (10) e Gabriel (11) sentam e depois o João (11) volta a vestir o paletó mas quer fazer o desafio de usar o paletó com o Gabriel (11).

As subversões também aparecem nitidamente no contexto das crianças do campo quando, no meio da pesquisa, elas decidem ir procurar pela bruxa numa

outra casa perto de onde estavam, de acordo com relato da pesquisadora,

As crianças adoram, antes de começar as sessões, brincar, sair correndo, explorar o espaço... o rio, a casa de cima, brincam de “procurar a bruxa”, somem e a gente vai procurar para começar as atividades de pesquisa (REGISTRO DA PESQUISADORA, 2014).

Essas são experiências para as quais o planejamento não dá conta, pois se tratam de imponderáveis que existem justamente pela imprevisibilidade da ação humana, do encontro, da partilha de significações sobre esse estar junto. Nessa conjuntura, os pesquisadores tentam encontrar a linha e o tom entre o respeito à singularidade das crianças, algo que é parte de sua concepção de infância, e a necessidade de colocar a pesquisa de volta aos trilhos de uma lógica que é a da ciência, lugar que ocupam nessa relação,

Esse modo de compreensão é fundamental para pensar as possibilidades da pesquisa-intervenção no contexto da pesquisa com crianças. Não basta ao pesquisador desejar compreender e transformar uma realidade que inclui as crianças, mas implica a criação de alternativas metodológicas, nas quais a ação intencionalmente propositiva do pesquisador não abdique da participação singular que as crianças – e só as crianças – podem trazer ao conhecimento que alteritariamente pretendem construir (MACEDO *et al.*, 2012, p. 92).

Uma pesquisa que se propõe intervenção demanda que essa compreensão de abertura e respeito quanto às singularidades da infância acompanhe o pesquisador como posicionamento ético de quem deseja se relacionar com. Isso significou, em muitos momentos da pesquisa, tensionar – no sentido de uma dialogia dos atos – entre o planejamento e os imponderáveis, em relação aos caminhos e descaminhos da própria atividade de pesquisa,

[Todos falam ao mesmo tempo e saem correndo para brincar no morro...]
Pesquisadora: João Pedro (5), João Velho (5) e Antônia (6) ... é aqui a brincadeira!!! Antônia, já vai começar agora, hein? Atenção! Quando essa brincadeira começar... vem !!! fica todo mundo aqui sentado...

Momentos como esse, em que pesquisadores e crianças negociam os modos

que compartilharão desse estar junto que marca a relação de pesquisa se fizeram presentes em todos os contextos nos quais nos encontramos e nos foram revelados no momento de escrita, em que cada grupo de pesquisadores relatou, transcreveu e teorizou sobre as experiências de encontro vividas.

A “ética da voz” institui, portanto, pensar que lugares serão ocupados pelo outro na teorização das relações vividas na pesquisa. É no aparente isolamento da produção da escrita que outras vozes se fazem ouvir, que a produção de sentidos se configura. As experiências da pesquisa ganham outra vida no ato da escrita, onde se revelam descobertas não diretamente perceptíveis no momento do encontro.

De acordo com Bakhtin (*apud* AMORIM, 2002, p.12), “a palavra se dirige”, e neste gesto, o outro já está posto”, na medida em que há um auditório social para o qual me dirijo nesta produção. É nesse sentido que o filósofo afirma que todo texto “é constitutivamente dialógico, uma vez que haverá sempre, ao menos, a voz do leitor que falará no texto e a voz do locutor”. No entanto, há de se compreender que o exercício da possui uma segunda implicação ética que se circunscreve à decisão de inserir, ou melhor, à decisão de *como* inserir o interlocutor na produção textual em que apresento nossa relação de pesquisa.

O quarto e último eixo articulador de nossas considerações nesse texto traz a discussão sobre a experiência de uma “ética do retorno da pesquisa” às crianças que foram nossas interlocutoras. Essa experiência foi realizada em apenas um dos nove grupos nos quais fizemos a pesquisa coletiva: no município de Nova Friburgo, no Estado do Rio de Janeiro, junto às crianças do campo.

Para falar deste grupo, sentimos necessidade de refletir brevemente sobre o campo e as infâncias que nele se constituem, para que possamos observar sua singularidade e complexidade. O conceito de campo, de acordo com Silvia *et al* (2018, p. 14), vem passando por transformações, tanto do ponto de vista da forte vinculação antagônica com a cidade, como nas questões históricas, políticas e sociais contemporâneas. São muitos os debates travados, por exemplo, no entorno dos termos rural – urbano – campo – cidade. Entretanto, o que nos importa aqui é reconhecer que tais debates, em diversos campos do saber, ampliam a consciência sobre essa suposta dualidade, tão impregnada no nosso imaginário social.

As ideias de atraso, carência e pobreza relacionadas ao universo do campo têm sido contestadas nas reflexões sobre o espaço rural na atualidade, o rural contemporâneo, que pode ser visto como aquele que dialoga com as questões de distribuição de terras, enfrentamento da pobreza, novos modos de vida e de produção, não apenas agrícola, mas econômica, cultural e social. Adentrar nessa seara é adentrar no debate sobre a infância no campo, uma vez que as crianças estão lá também. Como diz Silvia *et al* (2018, p. 16),

Crianças assentadas e acampadas da reforma agrária, quilombolas, ribeirinhas, caiçaras, de comunidades de fundo de pasto, pantaneiras, crianças da floresta, por exemplo, vivem relações identitárias e com o ambiente construído e natural de formas diferenciadas, compondo assim possibilidades que, se olhadas de perto, recortam e estruturam sentidos particulares de existência, de possibilidade de ação no mundo, de constituição e expressividade de si por meio de diferentes linguagens.

A perspectiva aqui compreendida busca, portanto, distanciar-se da dicotomia que deprecia ou romantiza as infância e crianças do campo e se aproximar do reconhecimento de suas múltiplas dimensões, oferecendo brechas para que seus modos de ser sejam por elas mesmas apresentados.

Contextualizando esse grupo, trazemos cinco crianças interlocutoras que aceitaram encontrar-se três anos após o primeiro encontro, ocorrido em 2014, para que fizéssemos o retorno da pesquisa, em 2018. Todas elas são moradoras do local, sendo que uma divide-se semanalmente entre “a casa na roça e a casa na cidade”. Quase todas pertencem a famílias de classe popular, em sua maioria pequenos agricultores e caseiros dos sítios da redondeza. Tinham entre quatro e nove anos no período dos encontros da pesquisa e no retorno, entre sete e onze. Durante os primeiros encontros, em 2014, este grupo se reuniu num espaço aberto aos finais de semana, quando as pesquisadoras buscavam as crianças em suas casas, já que os locais de moradia são distantes uns dos outros. O encontro de retorno aconteceu no feriado da Páscoa.

O retorno da pesquisa às crianças convocou pensar eticamente tanto esse novo encontro, como a maneira que essa pesquisa seria apresentada às crianças. Isso se deve ao fato de que, nesse exercício, estão postas reflexões sobre uma

estética de apresentação que nos desafia a pensar outras linguagens, que não aquelas especificamente acadêmicas. Pensando nisso, no dia do encontro de retorno, a pesquisadora optou por,

Repetir os passos que fizemos há 03 anos, como estratégia de, desde o início, mexer na memória das crianças, sobre nossos encontros de pesquisa. Fui à casa da Ana Clara (12) e João Pedro (8), João Velho (7) e depois, do João Carlos (8) para buscá-los. Assim, novamente cada um seria buscado de carro em casa. Antônia (9) já estava comigo (REGISTRO DA PESQUISADORA, 2018).

Para a pesquisadora, as memórias que foram surgindo apontavam para o *novo* que estava sendo percebido naquele instante: o espaço apertado no carro indicava sobre uma percepção de que o tamanho de cada um deles estava diferente. Em seguida, a pesquisadora perguntou se algum deles saberia dizer há quanto tempo esse grupo não se encontrava. “Uns dez anos”, alguém respondeu.

Apesar de este encontro ter se concretizado três anos depois dos encontros iniciais, a pesquisadora e essas crianças encontram-se com regularidade, pois frequentam os mesmos espaços coletivos na região. Entretanto, foi necessário este acontecimento de retorno da pesquisa para que esse fato fosse percebido por ela e por eles. Todos os sujeitos envolvidos foram afetados pelo impacto da passagem do tempo e do que muda com ele, apenas no ato do encontro.

Para dialogar com estas crianças sobre a pesquisa, a proposta foi apresentar as respostas das crianças dos nove grupos em relação à primeira pergunta da pesquisa, que era: “o que é ser amigo?”. Ao fazer isso, pudemos tornar públicos alguns aspectos que falam sobre seus cotidianos, suas formas de agir, opiniões sobre si e sobre os outros.

Esse novo encontro se apresenta como um novo espaço-tempo, um novo cronotopo que, embora entrelaçado àquele vivido anteriormente, se apresenta como novo não apenas pela irrepetibilidade da dimensão temporal, mas também pela demanda de reflexões éticas específicas que vão surgindo nessa nova experiência de pesquisa.

4 QUANDO OS CRONOTOPOS BALIZAM A ÉTICA DE PESQUISA

A ideia que quisemos trabalhar nesse texto diz respeito à compreensão de que os contextos – que na ótica de Bakhtin (2018) se constituem pelo entrelaçamento das dimensões de tempo e espaço e pela relação entre os sujeitos que se transformam mutuamente no encontro ali vivido – foram balizadores dos modos como nos relacionamos com a pesquisa e com as crianças em nossos encontros.

Pensando as decisões éticas postas nessa pesquisa a partir do conceito de cronotopo, ponderamos que, como cada encontro é vivido em um tempo e em um espaço específicos que não se repetirão jamais, cada encontro é aqui entendido como cronotópico por essência, pois cada experiência, cada fenômeno, cada acontecimento se desenrola num contexto específico, um contexto que, por si, traz o tempo e o espaço entrelaçados, intercalados e constituídos por quem, em seu interior, se encontra. Nesse sentido, cada encontro institui acontecimentos únicos, olhares únicos, diálogos únicos, sentimentos únicos.

Assim, foram eixos de nossas análises questões como: repensar metodologias de acordo com o que os espaços nos impunham e propunham, encontrar o tom entre sugerir uma atividade e respeitar as vontades de brincar das crianças que participavam da pesquisa, compreender que o planejado não respondia às questões que o presente trazia como desafio, ter o outro em consideração no momento de escrita do texto e enxergar o retorno da pesquisa às crianças como uma obrigação foram questões trazidas para a discussão.

A questão da obrigação quanto a dar um retorno da pesquisa aos interlocutores com quem ela foi construída está aqui sendo compreendida no sentido do vínculo ético que construímos com as crianças e que estabelecemos perante elas enquanto retorno de uma relação de entrega mútua. António Nóvoa (2014), ao explicar a singularidade da palavra obrigado, com base no tratado da gratidão de Tomás de Aquino, enfatiza que a expressão significa precisamente estar obrigado perante o outro, estar vinculado, “comprometido a um diálogo”.

É nesse sentido que nos sentimos obrigadas a pensar formas de continuar o diálogo com as crianças, num movimento de retorno da pesquisa, a partir do comprometimento com que essa relação nos vinculou; e a revisitar todo o processo, especificamente nesse artigo, enfocando as reflexões sobre a ética que construímos, como forma de retornar, para a Academia e a sociedade os modos como estamos pensando infância, pesquisa, ciência e ética no interior do GPICC-Grupo de Pesquisa Infância e Cultura Contemporânea.

REFERÊNCIAS

- AMORIM, Marília. Vozes e silêncio no texto de pesquisa em ciências humanas. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 116, p. 07–19, 2013. Disponível em: <<http://publicacoes.fcc.org.br/index.php/cp/article/view/554>>. Acesso em: 25 abr. 2022.
- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- _____. **Teoria do romance II: As formas do tempo e do cronotopo**. São Paulo: Editora 34, 2018.
- LEVY, Nelson. **Ética e História**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2004.
- MACEDO, Nélia *et al.* Encontrar, compartilhar, transformar: reflexões sobre a pesquisa intervenção com crianças. In: PEREIRA, Rita Ribes & MACEDO, Nélia Mara (Orgs.). **Infância em Pesquisa**. Rio de Janeiro: NAU, 2012.
- MOTTA, Nair de Souza. **Ética e vida profissional**. Rio de Janeiro: Âmbito Cultural, 1984.
- NÓVOA, Antonio. Formar professores para o futuro. **III Encontro PIBID**. UNESPAR, 2014. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ZJ7F49KbocM>>. Acesso em: 17 dez. 2021.
- PEREIRA, Rita Ribes. Por uma ética da responsividade: exposição de princípios para a pesquisa com crianças. **Currículo sem Fronteiras**, v. 15, n. 1, p. 50-64, 2016.
- VÁSQUEZ, Adolfo Sánchez. **Ética**. 18. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.